

Terrorismo: Fundamentalismo, Modernidade e Imperialismo.**Alinne de Oliveira Ross¹****Andrew Patrick Traumann²**

Resumo: Desde o ataque às torres gêmeas, o mundo passou a dar importância para o problema do terrorismo. A partir desse momento, os grupos conseguiram fazer cada vez mais sucesso entre as populações do Oriente Médio ligadas ao islã e também sobre ocidentais à procura de uma ideologia para seguir. O presente artigo tem o objetivo de identificar as falhas de ambas as sociedades – ocidental e oriental- que permitem que as pessoas tenham interesse em participar desses grupos além de explicar sobre o impacto da ingerência norte-americana no Oriente Médio.

Palavras-chave: Islã; terrorismo; Estado Islâmico; psicologia.

Abstract: Since the twin Towers attack, the world has been given more importance to the question of terrorism. From that moment onwards, the groups started to become popular among the Middle East populations related to Islam and also western people looking for an ideology and a meaning for their lives. This article aims to identify the flaws of both societies – western and eastern- that allow people to be interested in these groups besides explaining about the impact of the North American interference in the Middle East.

Keywords: Islam; Terrorism; Islamic State; Psychology.

¹Acadêmica de Relações Internacionais no Centro Universitário Curitiba. E-mail: alinne.ross2@gmail.com

² Orientador Professor doutor do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Curitiba-Curitiba/PR- andrewtraumann@hotmail.com

1. Introdução

O ataque às torres gêmeas foi um dos mais famosos ataques terroristas da atualidade e configurou uma nova realidade no sistema internacional, uma vez que tomou proporções difíceis de serem calculadas até hoje (DEMANT, 2004, p.287). Os chefes de Estado passaram a se preocupar com a questão do terrorismo internacional e hoje, mais do que nunca, existe o medo dos atentados terroristas do grupo Estado Islâmico que já provaram estarem dispostos a usar da mais brutal violência para alcançarem seus objetivos.

O objetivo deste artigo é: entender quem são os combatentes dos grupos terroristas, o que os levou a entrar para os grupos? Por que essas pessoas se interessaram por participar de tamanha violência? Como a história influenciou para que o Estado Islâmico se consolidasse tão forte e rapidamente?

Para isso, o artigo partirá de três premissas específicas que deverão ser comprovadas ou desmistificadas no decorrer deste. A primeira diz respeito ao Oriente Médio e aos muçulmanos. Dá destaque às três ondas fundamentalistas que se iniciaram por motivos sociais, sectários ou por interferência ocidental, e como estas foram construindo um cenário perfeito para a ascensão de grupos radicais.

Nesta primeira parte, o objetivo principal é desmistificar a errônea alegação de que todos os muçulmanos são terroristas e lutam pelo jihad, além de mostrar que essa violência não se iniciou sem motivo, sempre houve problemas, divisões, que em algum momento se tornariam fortes demais para serem ignoradas e acabariam em uma guerra.

Na segunda parte do artigo, o foco é o Ocidente e como a modernidade pode afastar principalmente jovens, da vida social e torná-los mais vulneráveis a ideologias além da questão da falta de objetivos de vida como um fator desencadeador para entrarem para o *jihad*. Nesta divisão serão abordadas questões como a liberdade, a falta de referências e o descontentamento com a realidade podem se tornar gatilhos para o fundamentalismo. Tem o objetivo de mostrar que de alguma maneira, todos são vulneráveis a ideologias radicais já que vivem sob uma mesma perspectiva capitalista e de exacerbação das pressões sociais.

O terceiro ponto trata principalmente da ingerência norte americana na área do Oriente Médio, como essas ações criaram um ódio muito forte por parte das populações e como posteriormente esse ódio foi utilizado como forma de recrutamento pelos grupos terroristas. Tem enfoque nos acontecimentos que sucederam os ataques de 11 de setembro de 2001 pela Al-Qaeda e como deste grupo, nasceu o tão temido Estado Islâmico.

Para este artigo, a definição de jihad utilizada será uma referência à luta armada e guerra física.

2. O Mundo Muçulmano

O Islã é uma religião surgida no começo do século VII na península árabe onde havia também ocorrido a revolução monoteísta, anos antes. Foi fundada pelo profeta Muhammad, ou Maomé que nasceu na época de ignorância anterior à revelação, conhecida como *jahiliyyah*. (DEMANT, 2004, p.24)

Maomé era pertencente a um ramo dos *Quraysh*, ou coraixitas que era um dos mais poderosos de Meca e casou-se aos 25 anos com uma rica viúva chamada Khadija. Aos 40 anos teria começado a receber mensagens que para ele vinham de origem divina, do Arcanjo Gabriel que havia vindo para lhe revelar a palavra divina e estas são os mais antigos escritos do Alcorão: "Lê em nome de teu Senhor que tudo criou; Criou o homem de um coágulo de sangue; Lê que teu senhor é generoso, Que ensinou o uso do cálamo; Ensinou ao homem o que este não sabia."

Maomé continuou a receber ensinamentos que anunciavam um único Deus onipotente o qual todo ser humano deveria venerar, por isso, *islam* significa submissão. Além disso, quando continuou a receber essas mensagens, Maomé assumiu o papel de profeta, entretanto o alcorão só teria sua versão final 30 anos após sua morte (DEMANT, 2004, p.26).

O profeta passou a espalhar sua crença por toda a cidade de Meca onde havia forte turismo religioso politeísta que apenas perdia com a expansão da crença monoteísta de Maomé, isso incomodou a elite comercial que lucrava com essa atividade da região. Em 622, Maomé recebeu então um convite da população de Medina, a 300 quilômetros de Meca, para ir para a cidade para ser o juiz, e este aproveitou para fugir da perseguição que sofria em Medina. A fuga é conhecida como *hijra* ou hégira e é o início do calendário muçulmano (DEMANT, 2004, p.26).

Com o tempo, Maomé conseguiu seguidores em Medina e organizou a cidade como a primeira a viver sobre leis muçulmanas.

Ademais, os derrotados nesse embate foram expulsos, exterminados ou convertidos e os fiéis se comprometeram a guerrear para a expansão do islã. Quando Maomé morreu, a maior parte da Arábia central já havia sido dominada pelos muçulmanos.

Entretanto, após a morte de Maomé instaurou-se uma divisão interna uma vez que ele não havia deixado um sucessor e cada segmento apontava para um novo líder diferente. A maioria elegeu Abu Bakr, amigo de Maomé. Alguns acreditavam que Ali Ibn Abi Talib, que era seu primo e genro deveria o suceder. Ali se tornou o quarto califa em 656, entretanto, a linhagem xiita não reconhece seus predecessores e o tem como Primeiro Imame, mas em 661 foi assassinado por um extremista muçulmano. O califado passou para a liderança de Muawiyah que fundou a dinastia dos Omíadas. Quando este faleceu, o povo pediu para a entrada do segundo filho de Ali, Husain, que se sentiu obrigado a se refugiar em Meca por razão das represálias dos Omíadas, entretanto, o líder Yazid, mandou procura-lo e assassiná-lo. Porém Husain fugiu para Kufa, mesmo assim, algum tempo depois ele e seu pequeno exército foram massacrados pelos Omíadas nos arredores da cidade. Esse acontecimento ficou conhecido como a tragédia de Kerbala que criou uma série de protestos com base na justiça social que é um dos pilares do viés xiita (ARMSTRONG, 2009,p.66).

A religião islâmica é baseada em cinco pilares principais:

1. *Shahada* ou testemunho- é a afirmação em relação à crença em um Deus onipotente e a aceitação de Maomé como profeta através da repetição da frase “Não há outro Deus e Maomé é seu profeta”.
2. *Salat*- é a reza feita cinco vezes ao dia em veneração à Deus. Pelo menos uma vez por semana, na sexta-feira, há uma reunião da comunidade na mesquita para uma oração em grupo;
3. *Ramadan*- É um mês onde os fiéis praticam o jejum (alimentos, bebidas e relações sexuais) desde o nascer do ao pôr do sol e é entendido como uma purificação;
4. *Zakat* ou esmola- Entrega de uma parcela da renda para fins sociais como símbolo da solidariedade entre os fiéis;
5. *Al Hajj*- É a peregrinação à Meca que todo muçulmano que tenha condições deve fazer ao menos uma vez na vida (MUBARAK, 2014, p.25-31).

O Corão, ou Alcorão, livro sagrado muçulmano é composto de 144 suras ou capítulos e para os fiéis, é fruto de uma ação divina. Seus ensinamentos dizem respeito a vários assuntos da vida de um muçulmano. Coloca Alá como único deus, onipotente e que este nunca teve um filho, diferentemente da crença católica. Além disso, em oposição à bíblia, o Corão coloca que Deus enviou várias mensagens ao povo, mas que nunca esteve na vida terrena.

3. O Fundamentalismo

O termo fundamentalismo islâmico é usado erroneamente para caracterizar as ações mais radicais dentro da religião islâmica, o termo correto seria o conceito de islã político ou revivalismo islâmico (DEMANT, 2004, p.194).

O fundamentalismo surgiu no protestantismo norte americano como uma tentativa de retomar valores cristãos que haviam sido esquecidos por conta da modernidade. Chamava os fiéis a relembrar o seu livro sagrado, a ter uma vida virtuosa, modesta e honesta. A principal característica é a negação ao secularismo (DEMANT,2004, p.194).

Para explicar o fundamentalismo muçulmano é essencial ressaltar que é uma ideologia anti moderna, anti secular e antiocidental. Essa ideologia tem o objetivo de converter todos a muçulmanos praticantes e colocar a comunidade religiosa em serviço das vontades de Deus e posteriormente expandir essa comunidade mundialmente. Na atualidade, essa ideia é amplamente aceita pelos muçulmanos em resposta a globalização. No sunismo, o fundamentalismo foi difundido pelo paquistanês Abu al-Ala Mawdudi e o egípcio Sayyid Qutb e no xiismo com o Ruhollah Khomeini (DEMANT,2004, p.201).

A propagação das ideias fundamentalistas muçulmanas pode ser dividida em três ondas. A primeira ocorreu nos anos de 1970 e 1980 e é a fase da maturação. Ela tem Sayyid Qutb como ideólogo, este foi preso pelo governo Nasser que foi responsável pela nacionalização do Canal de Suez. Este governo foi repressor, extinguiu os partidos no Egito e negou liberdade de expressão. A derrota do Egito para Israel na guerra de 1967 e a perda do Monte Sinai, significaram a queda do nacionalismo árabe secular em nome do islamismo (DEMANT, 2004, p. 204-205).

A segunda onda fundamentalista no islã tem como evento principal a Revolução Iraniana de 1980 e como personagem a pessoa de Ruhollah Khomeini. Nos anos 60 o Xá Reza Pahlevi tentou introduzir uma modernização forçada no Irã, propôs a reforma agrária e a emancipação feminina como chaves para a industrialização e educação que colocaria o Irã com papel importante na região e no sistema internacional. Essa reforma beneficiou os ricos e os nobres, mas pressionou a população pobre a ir para as cidades (DEMANT, 2004, 228-229).

Em 1963 houve uma revolta popular contra as reformas do Xá, principalmente no que tange à emancipação feminina e à participação de não-muçulmanos no Estado, nela Ruhollah Khomeini foi preso e em seu exílio no Iraque produziu uma teoria que embasou a revolução de 1979. Após a revolução, Khomeini ajudou a formular um novo tipo de Estado que era uma mistura de república teocrática e democracia (DEMANT, 2004, 229).

Em 1979 se inicia a fase radical da revolução em que alunos invadiram a embaixada norte-americana em Teerã, fizeram reféns e causaram crise diplomática entre os países. Com a ascensão de Ali Khamenei ao poder, as leis se tornaram mais estritas e radicais baseadas na sharia, houve queda na qualidade da educação e internalização das ideias fundamentalistas. Essa revolução inspirou o assassinato de Anwar Al Sadat no Egito, entretanto os outros países se omitiram nessa questão para se atentarem para o problema de Israel e dos EUA (DEMANT, 2004, p.235-237).

A terceira onda fundamentalista ocorre nos anos 90. Os autores Giller Kupel e Oliver Roy colocam que o islamismo seria eliminado e que haveria um grande aumento do islã alternativo com viés apolítico, entretanto não foram assertivos em sua colocação, uma vez que houve uma onda de incidentes islamitas após os anos noventa sendo o mais emblemático deles o ataque às torres gêmeas em novembro de 2001 (DEMANT, 2004, p.245-247).

Atualmente é possível perceber que o embate entre o ocidente e o islã está realmente acontecendo e é provavelmente a maior inquietação política internacional do século XXI. Além disso, é inegável que ainda que existam pessoas que buscam diálogo com o ocidente

cada vez mais o islamismo está crescendo na política e na opinião pública e atraindo novos seguidores.

De acordo com Peter Demant (2004, p.248), a terceira onda é mais ampla do que as duas primeiras e possui sete movimentos:

Islamização da política (1), da sociedade civil (2) e da cultura (3) além da construção de um islã internacional (4). A luta militar fundamentalista em diferentes focos e regiões (5) que podem sair da área do Oriente Médio. Islamização das diásporas muçulmanas dentro do Ocidente (6) e a guerra internacional desencadeada por Osama Bin Laden (7).

O islamismo é uma ideologia política e um movimento social que é contra o secularismo e o individualismo. Para eles a modernidade é a raiz dos problemas e da decadência do ocidente que se explicitam nas boates, nas mulheres e seus comportamentos, nas cenas de sexo no cinema Hollywoodiano e no consumismo exagerado. O islamismo também observa que a perversidade do ocidente também se mostra no racismo e no imperialismo.

A renúncia da modernidade é apenas um dos aspectos do islamismo, mas este possui um programa social e político bom. A sharia não é uma lei completa e acabada e por essa razão existem divergências de como ela deve ser aplicada em alguns casos, entretanto sua base é aceita e consiste em primeiro lugar na devoção e veneração dos seres humanos a Deus e que este deve ser o aspecto mais importante de suas vidas. Em segundo lugar, coloca-se que o ideal seria um Estado Islâmico que para alguns significa qualquer Estado que esteja islamizado e para outros significa que as fronteiras não terão importância e que este Estado compreenderá o Dar Al- Islam (terra do islã) e posteriormente todo o mundo. O terceiro ponto diz respeito o governo que será liderado por uma instância islâmica e respeitará as regras do islã, entretanto existe divergência sobre a modalidade de governo. O ponto seguinte trabalha com a questão da separação da esfera pública para os homens e a esfera privada e familiar para as mulheres. Esta separação é tida como natural e que ela leva a melhor versão da sociedade islâmica, além disso, proíbe o álcool e outras formas de corrupção. Outra característica é que o objetivo do Estado Islâmico é estimular e facilitar uma vida religiosa para os muçulmanos. Ademais, na economia seria criado um bando islâmico que não cobra

juros e o islã ainda que reconheça a propriedade privada, dá ênfase ao valor de fazer a caridade, por exemplo, através da Zakat. Além disso, o Estado Islâmico deve manter a superioridade dos muçulmanos sobre os infiéis. As punições corânicas para os que infringem a lei da sharia também é uma das bases do islamismo e o último ponto é que deve existir uma ordem internacional islamista baseada na luta entre o islã e os outros países/religiões até que esteja fortemente presente em todo o mundo. É uma concordância da maioria que essa luta é um jihad que pode implicar no uso da violência (DEMANT, 2004, p.299).

Os combatentes fundamentalistas são convocados para uma guerra na qual a vitória já é certa e seu papel é somente acelerar a chegada do sucesso do islã através do seu esforço individual, dessa maneira, o fundamentalismo transforma o islamismo em uma ideologia.

Através do pertencimento a um grupo especial e privilegiado em concluir essa tarefa histórica da vitória do islã, a jihad promove uma recompensa psicológica aos combatentes, além de que estes estão construindo um mundo ideal ao qual são ordenados a buscar desde crianças quando aprendem as leis islâmicas.

Com o apoio de Deus, o combatente supera o medo de um futuro incerto e não precisa se pressionar por cometer erros, ele entrega todos os seus problemas na mão de um ser superior e onipotente. Além disso, no que tange aos jihadistas suicidas, estes não se interessam apenas nos ganhos políticos, mas também pela pura questão religiosa.

Nas ideologias é também característica a exaltação da importância da guerra como meio de alcançar o poder absoluto e de instaurar o terror necessário para inibir o inimigo. Assim, a jihad une características do fatalismo com o voluntarismo que compreende que se a morte é inevitável é melhor morrer pela causa de Alá (DEMANT, 2004, p.302).

Atualmente, a grande maioria dos muçulmanos mora em países com baixos índices socioeconômicos principalmente por razão do vertiginoso crescimento populacional da região do Oriente Médio. Isso se traduz principalmente em má qualidade da educação que tem seu

ensino baseado em matérias carregadas de valores ocidentais e na falta de empregos produzidos tanto pelas empresas da iniciativa privada quanto pelo Estado que não tem mais condições de absorver mão de obra.

A nova geração de muçulmanos se vê exposta as tentações da modernidade, um mundo atraente que é impossível de ser alcançado. Essa sensação de sentir-se atraído e ao mesmo tempo ter o dever religioso de repelir as questões modernas pode ser uma das causas do islamismo. A ideologia busca sempre encontrar culpados pela situação dentre eles outras religiões como o cristianismo e judaísmo ou também o imperialismo do ocidente e a religião promete aliviar as angústias prometendo um melhor futuro e a punição dos responsáveis. A religião trás uma segurança psicológica e um sentido à vida (DEMANT, 2004, p.309-310).

4. O mundo ocidental

Na obra “Estado Islâmico: Estado de terror” de Jessica Stern e J.M. Berger (2014, p.107-109), os autores se preocupam em revelar um pouco mais desse questionamento sobre quem deixa sua vida para trás para envolver-se em uma guerra de outro país. Para isso utilizam as produções de John Horgan- Diretor do Centro de Estudos de Segurança e Terrorismo da Universidade de Massachusetts Lowell- que confirma que não é possível estabelecer um padrão entre os combatentes estrangeiros do Estado Islâmico, mas que em resumo, todos querem encontrar um sentido para suas vidas seja através da aventura ou da salvação.

Os autores também dividem as razões para um interesse no terrorismo em duas possibilidades. A primeira delas são os motivos externos que compreendem como cada pessoa percebe os eventos mundiais de uma maneira e os recrutadores usam esses eventos para transformar a jihad não só em uma escolha, mas também em uma obrigação moral. Os motivos internos consistem em produzir em cada indivíduo um sentimento de pertencimento, com aventura e/ou dinheiro. Ambas as questões oferecem saídas para problemas sociais ou também internos (STERN E BERGER, 2014, p.108).

Entretanto, não há um consenso, de acordo com Stern e Berger (2014, p.108), de que as questões socioeconômicas, de educação a presença de um Estado fraco possam estar interligadas com o terrorismo.

Para uma explanação mais profunda dos problemas do século XXI que tornam, em sua maioria, jovens de todo o mundo interessados em se tornarem membros do jihad, é necessária uma imersão em alguns conceitos e ideias da psicologia e antropologia que servem de ferramenta para um estudo mais minucioso do terrorismo.

A modernidade trouxe ao ocidente a necessidade de um novo arranjo não mais pautado em tomar decisões óbvias e em referências tradicionais, mas um novo modelo que inclua a multiplicidade de escolhas, de opções e de liberdades. A partir de então, uma crise de paradigmas se instaurou, uma vez que nenhuma teoria era capaz de abarcar os novos conceitos que rapidamente surgiram.

Esse progresso produziu novas possibilidades e conseqüentemente novas dificuldades e sofrimentos. As ideias tradicionalmente seguidas- Deus, família, nação, trabalho- não proporcionam igual pressão sobre os indivíduos, sendo assim, o homem se sente sozinho e livre para determinar sua vida individual e coletiva.

[...] O progresso considerável é ter efetivamente considerado o fato de que o céu está vazio, tanto de Deus quando de ideologias, de promessas, de referências, de prescrições, e que os indivíduos têm que se determinar por eles mesmos, singular e coletivamente. [...] os dois últimos séculos foram os das grandes invenções e da identificação dos limites. [...] A intervenção decisiva, foi, sem dúvida alguma, o domínio da fecundidade, depois da reprodução da vida. Roubado de Deus, o poder da criação doravante permite trazer á luz organismos novos. (MELMAN, 2003, p.16)

Entretanto, a nova era traz um ápice da liberdade do homem e a percepção de que esta não é uma garantia da felicidade. De acordo com Bauman (2001, p.26), ao analisar discursos de autores libertários, estar sozinho a seus próprios recursos implica em tormentos mentais e agonia da indecisão, enquanto que ter para si toda a responsabilidade prenuncia um medo do risco e do fracasso.

Bauman (2001, p.29) identifica que nem sempre a liberdade tem caráter emancipador e que o homem moderno tem um excesso de liberdade que não é capaz de gerir sem que esta lhe cause algum sofrimento. Além disso, o homem gradativamente abandonou toda a esperança de o mundo formar uma unidade, uma vez que os processos intensos da busca pela liberdade apenas fragmentaram a vida cotidiana e os processos racionais.

Como sintoma da contemporaneidade, o ser humano busca cada vez mais se afastar da realidade que traz consigo o sofrimento, a angústia e a decepção. Ainda, a questão do desejar ter alguma coisa gera uma necessidade de exibir conquistas e cria um ciclo de vida suplantado pela ideia da inveja e da constante tentativa de se sobressair perante uma comunidade extremamente competitiva.

Ademais o desejo é ainda mais importante para o tema central do artigo. No terrorismo, é possível identificar um “querer ser” nos membros de grupos como o Estado Islâmico. Os indivíduos, que não mais se sentem pertencentes nem importantes para a sociedade, buscam uma maneira de demonstrar sua força portando uma arma, podendo morrer como um mártir e ainda retomando a expressão de Melman, preenchendo seu “céu” com algo para acreditar e dar sentido às suas vidas.

No século XXI, ser moderno passou a ser sinônimo de ser incapaz de parar, de estar constantemente em movimento transgredindo as barreiras e isso implica numa eterna busca pela satisfação. Viver dessa maneira não é mais uma escolha racional e sim um problema sistêmico ao qual todo ser humano é induzido a se submeter. A questão que ganha destaque é a de que a modernidade, como efeito irrefreável, está sempre incompleta, existe uma incansável busca pelo inalcançável, que pode ter um efeito destrutivo sobre a mesma sociedade que a alimenta.

Essa modernidade se diferencia por duas características importantes descritas por Bauman (2001, p.37-38), a primeira delas diz respeito à queda gradual da ilusão de que há um ideal, uma perfeição que seja possível de ser alcançada, que há uma sociedade justa e igualitária, com equilíbrio entre oferta e procura, uma saciedade das vontades e uma ordem insuperável e íntegra. A Segunda é a desregulamentação e a privatização das tarefas e deveres modernizantes onde os valores coletivos dão espaço apenas aos valores individuais.

Na atualidade, os indivíduos estão cronicamente perdidos. Para eles não há uma perspectiva de chegar a um destino, de poder finalmente se desarmar e se despreocupar, a plena satisfação é simplesmente inalcançável.

Dentro desse sistema de promoção da autossuficiência, os homens e mulheres se sentem diretamente responsáveis pelas consequências de suas

decisões, são os únicos culpados de suas frustrações, de seus desejos que não foram alcançados. Ademais, não existem grandes líderes que norteiem as ações ou aliviem as responsabilidades.

Ainda que os problemas sejam semelhantes, os indivíduos estão condicionados a enfrentar suas questões sozinhos, não conseguem formar uma totalidade. Cada um vê no outro apenas a possibilidade de entender que todos, sem exceções, passam por problemas, sofrem e tem angústias, e que isso deve servir como um fortalecedor das suas próprias forças para continuar na sua luta diária individualmente. Não existe a possibilidade da união de forças, de realizar ações maiores e mais efetivas agindo na coletividade, segundo Bauman (2001,p.44), “Mas o que aprendemos antes de mais nada da companhia de outros é que o único auxílio que ela pode prestar é como sobreviver em nossa solidão irremível, e que a vida de todo mundo é cheia de riscos que devem ser enfrentados solitariamente”.

A realidade é outro seguimento importante para o entendimento sobre a questão do terrorismo. Melman (2003, p.28) coloca que a realidade é identificada através da decepção que nosso cotidiano trás. Nele nem tudo é possível de ser feito, nossas vontades não conseguem ser saciadas em sua totalidade, ou seja, a sua marca principal é a de que a realidade é insatisfatória. Essa insatisfação faz com que o homem reaja de maneira a afastar esse sintoma, tornando-o virtual enquanto que o que fica como realidade é a ideia de que essa falta é apenas algo momentâneo ou circunstancial, portanto, existe um impulso a mascarar a realidade com o objetivo de torná-la menos dolorosa.

Tudo nesse novo modelo é extremamente fluido, o pertencimento a determinados grupos se dá através da necessidade momentânea, muda-se a linguagem, as vestimentas e se adapta ao que for necessário. Não há uma identificação de ideal assumida e esta também é passível de mudanças a qualquer momento. A era da modernidade é praticamente livre de ideologias, mas o vácuo que se instaurou com o fim das mesmas foi tomado pelas informações, estas que podem ser manipuladas fazendo cada indivíduo pensar, reagir, decidir da maneira a que são condicionados.

Da informação, manipulação e da tecnologia é que emana o poder da atualidade, esse poder objetiva captar cada vez mais pessoas para inserir no sistema. Com essa ferramenta, passou-se a expor ainda mais a liberdade existente, colocando novas possibilidades do que se pode ser, do que se pode pensar, ter sua essência pautada na multiplicidade. Entretanto, há uma complicação de que essa extrema flexibilidade não dá ao indivíduo uma sustentação, não dá segurança sobre quem é e o que quer.

O Estado Islâmico foi o primeiro grupo terrorista a utilizar largamente a internet para o recrutamento de combatentes. Conhecida como jihad 2.0, os recrutadores procuram demonstrar a sensação de divertimento e aventura para conquistar seus alvos. Ylmaz, um soldado dinamarquês utiliza a rede social Instagram para compartilhar sua visão da guerra através de fotos de combatentes e do povo sírio. Ele e outros combatentes e recrutadores também utilizam a rede Ask.fm- rede social de perguntas, que podem ser feitas anonimamente, e repostas-para responder a questionamentos de pessoas interessadas em participar da jihad (Stern e Berger,2015, p.110-111).

Entretanto, o uso das redes sociais é de certa forma, controverso, uma vez que o fundamentalismo tem uma visão reacionária e contrária a modernidade. Ao mesmo tempo em que rejeitam o ocidente, utilizam de ferramentas normalmente de produção ocidental e essa absorção da tecnologia moderna e afastamento das inovações socioculturais pode se tornar um ponto fraco para os grupos fundamentalistas (Demant, 2004, p.313-314)

O livro “Na pele de uma jihadista” de Ana Erelle foi escrito na primavera de 2014 antes da tomada de Mossul e da autoproclamação do califado por Abu Bakr Al-Baghdadi. Este livro conta a história de Ana, uma jornalista francesa que passa a se interessar pelas causas do terrorismo e investigar a jihad 2.0 após conhecer o caso de Leila, uma moça que fugiu para Síria para se casar com um combatente chamado Tarik. Quando Tarik morreu em combate, porém, Leila não conseguia mais voltar para seu país de origem por ser vista como uma terrorista (Erelle, 2015, p.11-17)

Assim, Ana cria um perfil falso no Facebook com o nome de Mélodie para investigar como ocorre o recrutamento pelas redes sociais. Ana compartilha no perfil falso alguns vídeos de jihadistas criando assim Mélodie como uma moça jovem interessada na causa jihadista do Estado Islâmico (Erelle, 2015, p.17-18).

Pouco tempo depois, um combatente chamado Abu Bilel entra em contato com Mélodie e logo no início da conversa, Bilel a pede para ir para a Síria e fazer a Hégira e também chama a moça para uma conversa por vídeo no Skype (Erelle, 2015, p.21-23).

Durante todo o livro, Ana conta suas reações aos comentários de Bilel, como durante todo o tempo ele se esforça para pressionar Mélodie a ir para a Síria, ele a promete casamento, uma vida boa sob as leis da sharia, uma boa casa. Ele busca de todas as maneiras persuadir Mélodie inclusive duvidando de sua coragem e capacidade de viajar sozinha para casar-se com ele (Erelle, 2015, p.32-39). Todo tempo ela relembra que se Mélodie fosse como ela realmente imaginara, provavelmente cairia na tentação de viajar para a Síria, iria se desiludir quando lá chegasse e se conseguisse fugir, ficaria como Leila sem ter para onde ir (Erelle, 2015, p.51-55).

Em suas conversas com Mélodie, Bilel não tem vergonha de expor imagens suas com diversas armas, de dizer que seu emprego é matar os infiéis e também é sua função recrutar pessoas e conta que a ideia de Al- Baghdadi, é eliminar as fronteiras e transformar, através do jihad, todo aquele território no Estado Islâmico (Erelle, 2015, p.48-49)

Com a ajuda de seu amigo André, Ana se aprofunda cada vez mais em conversar com Bilel e conseguir informações sobre o grupo além de se sentir mais envolvida em aprender os artifícios usados pelos recrutadores. O testemunho é interessante e alarmante, uma vez que Mélodie em seu perfil recebe mensagens de outras mulheres que querem viajar para a Síria para se casarem com combatentes e ela percebe o quão efetivo é o recrutamento praticado pelo EI.

5. Da Al-Qaeda ao Estado Islâmico e a Ingerência norte-americana

O grupo terrorista Al-Qaeda iniciou o termo do terrorismo internacional, uma vez que anteriormente os grupos terroristas se preocupavam mais com as questões sectárias e regionais. A Al-Qaeda era liderada por Osama Bin Laden e o grupo era inicialmente formado por uma elite intelectual e Bin Laden se preocupava com o ocidente e principalmente com o seu ataque em setembro de 2001, entretanto, os caminhos da Al-Qaeda e do Estado Islâmico se cruzaram muito antes da proclamação do califado. (STERN E BERGER, 2014, p.38-39).

Ahmad Fadhil Nazzal al-Kalaylah, nasceu em Zarqa na Jordânia é de família pobre mas de tribo poderosa. Largou os Estudos depois do nono ano e assumiu o nome com seu local de origem, Abu Musab Al-Zarqawi. Aos 20 anos se juntou à Tablighi Jamaat, que objetiva a melhora dos muçulmanos com uma espécie de Jihad espiritual. Três meses depois, entrou para o grupo de Insurgência contra a ocupação do Afeganistão pela União Soviética quando esta já estava deixando o território. Ademais, trabalhando em newsletters jihadistas, Zarqawi conseguiu criar uma rede de relações com jihadistas que mais tarde viriam a criar uma rede internacional de terrorismo (STERN E BERGER, 2014, p.35- 36).

Abu Muhammad al-Maqdisi, uma das pessoas que Zarqawi conheceu, era um dos criadores do salafismo jihadista no qual qualquer governo que não se utilize da sharia é infiel e deve ser alvo de oposições. Em 1993, ambos participaram de várias investidas terroristas falhas, que acabaram com a prisão de Zarqawi por porte ilegal de armas e por fazer parte de uma organização jihadista banida. Este tempo na prisão o deu o tempo necessário para formular suas ideias e se educar (STERN E BERGER, 2014, p.37-38).

Em 1999, já fora da prisão, planejaram um ataque para 1º de janeiro de 2000 em dois locais essencialmente cristãos, mas o ataque foi frustrado e anulado pelo serviço de Segurança jordaniano. Zarqawi fugiu para o Paquistão e posteriormente para o Afeganistão onde conheceu Osama Bin Laden (STERN E BERGER, 2014, p.38).

Entretanto, os dois líderes tinham em comum apenas um engajamento com a jihad violenta. Bin Laden se sentiu perturbado pela convicção de Zarqawi de que todos os xiitas deveriam ser mortos pois não seguiam o verdadeiro islã e por essas divergências, Zarqawi relutou a entrar para a Al-Qaeda e para jurar lealdade ao grupo (STERN E BERGER, 2014, p. 38-39)

O ataque de 11 de setembro de 2001, um dos principais acontecimentos da terceira onda islamista, é a mais importante e conhecida batalha muçulmana travada em território ocidental por terroristas. Como já dito, anteriormente, os objetivos do jihad se concentravam muito mais na questão regional e a partir dessa data, o terrorismo internacional se tornou conhecido e se tornou também um medo. Em 1993 houve a primeira tentativa de explodir o World Trade Center, conduzida pelo xeique egípcio Umar Abdul Rahman, mas esta fracassou. Em 1998, Al-Qaeda, ainda não muito conhecida, atacou embaixadas norte americanas simultaneamente na Tanzânia e no Quênia, causando 300 mortes e sendo uma das ações terroristas mais bem sucedidas até então (DEMANT, 2004, p.287-288).

Bin Laden foi o pioneiro do uso de uma ideologia fanaticamente antiocidental e a ressaltar o lado mais profundo da guerra entre Islã e Ocidente, o quanto ela é necessária e quem é o verdadeiro inimigo do islã. No dia 11 de setembro de 2001, 19 membros da Al-Qaeda, a maioria sauditas, lançaram-se contra as torres gêmeas em Nova Iorque (símbolo do poder econômico dos EUA), contra o Pentágono em Washington (símbolo do poder militar) e o último que pretendia atacar a Casa Branca (símbolo do poder político), foi interceptado pelos norte-americanos. Contabilizando mais de 3000 mortos, o ataque trouxe insegurança à população e tornou Bin Laden mundialmente famoso (DEMANT, 2004, p.289).

Após o ataque de 11 de setembro, Zarqawi defendeu a Al-Qaeda e os talibãs, entretanto se feriu e fugiu para o Irã em 2002 e posteriormente para o Curdistão. A invasão do Afeganistão pressionou Zarqawi para uma aliança com Osama. Em 20 de março de 2003, ocorre a invasão do Iraque sob o pretexto de o Iraque possuir ou estar próximo de possuir armas de destruição em massa e de que Saddam Hussein se aliara a Al-Qaeda. O presidente Bush ainda colocara Al-Zarqawi como elo entre Saddam e o grupo terrorista (STERN E BERGER 2014, p.39- 40).

Com as tropas norte americanas no território Iraquiano, inicialmente o povo se viu livre da constante ameaça do ditador Saddam Hussein, entretanto a ingerência norte americana criou no povo uma confusão entre agradecer e desconfiar dos interesses estadunidenses. Além disso, a conjuntura deu mais poder aos xiitas que há muito vinham sendo suprimidos pelo regime Hussein, entretanto dentro do próprio poder xiita iniciou-se um embate pelo poder (DEMANT, 2004, p.292).

A “guerra ao terror” do governo Bush, justificou repetidas investidas dos EUA no Oriente Médio posteriormente. Essas invasões apenas reforçavam as alegações jihadistas sobre a ingerência da hegemonia norte americana na região e ofereceram razões para o recrutamento no momento em que os grupos mais precisaram. Com a destruição de uma das bases da Al-Qaeda no Afeganistão, a invasão do Iraque foi o que salvou o movimento fundamentalista. Nos 12 meses seguintes à invasão, houve 78 atentados terroristas, e nos 12 seguintes, o número subiu para 302. Isso aumentou a violência não só no Iraque, mas em todas as regiões próximas (STERN E BERGER, 2014, p.40-41).

Com a queda de Saddam Hussein do poder, mais de 100.000 baathistas foram proibidos de tomarem postos no serviço público e no exército e isso trouxe fúria enquanto os trabalhadores do exército ainda possuíam seus armamentos. Essa decisão transformou civis normais em possíveis recrutas do jihad e Al- Zarqawi aproveitou essa chance (STERN E BERGER, 2014, p.41).

A invasão dos Estados Unidos criou uma atmosfera perfeita para a inserção das táticas brutais e do sectarismo com as diferenças xiitas e sunitas cada vez mais agravadas e se fundindo nas políticas regionais e locais. O Iraque pós-guerra era o ambiente perfeito para uma guerra sectária.

Em 2003 houve um ataque à sede da missão da ONU e à embaixada da Jordânia em Bagdá, sob o comando de al-Zarqawi. No fim de agosto do mesmo ano, atacaram uma mesquita xiita e entre os mortos estava o principal alvo de Al-Zarqawi, o Aiatolá Muhammad Bakr al-Hakim, um dos clérigos xiitas mais respeitados do Iraque. No ano seguinte, Zarqawi declarou fidelidade a Bin Laden e anunciou que criaria um novo movimento chamado Qaedat al-Jihad fi Bilah al-Rafidayn, ou seja, Al-Qaeda na Terra dos Dois Rios em referência ao Iraque (STERN E BERGER, 2014, p.43).

Apesar do juramento de lealdade de Zarqawi a Bin Laden, Zarqawi agia independentemente da Al-Qaeda central e, além disso, Bin Laden desaprovava os ataques a civis muçulmanos. Zarqawi foi reprimido por al-Maqqdisi e por Al- Zawahiri, sucessor de Bin Laden, por algumas de suas práticas de extrema violência e dos ataques suicidas. Também, utilizou a internet para promover a causa jihadista através de imagens violentas dos atentados e de decapitações (STERN E BERGER, 2014, p.44).

Al- Zarqawi foi influenciado pelo texto jihadista escrito sob o pseudônimo de Abu Bakr Naji chamado “A Gestão da Selvageria: A fase mais crítica pela qual passará a Ummah” que contém lições sobre os erros já cometidos em outras investidas jihadistas e ideias para as ações futuras. Os escritos de Naji influenciaram muitos membros do jihad principalmente por sua estratégia mediática e militar pautada na violência. Outro escrito de influência sobre Zarqawi é de Abu Musab al-Suri chamado “A Call to a Islamic Resistance” que exaltava a importância dos ataques individuais, os “lobos solitários” (STERN E BERGER, 2014, p.45-47).

Em junho de 2006, Al- Zarqawi morreu num ataque aéreo liderado por Nada Bakos, da CIA, que tinha em mente que uma vez que o líder da organização terrorista fosse morto, a organização cairia sozinha posteriormente. O Departamento de Defesa norte americano publicou imagens do cadáver de Zarqawi que foram amplamente utilizadas para o recrutamento em banners e vídeos como tributos a seu martírio, por essa razão, na ocasião na morte de Bin Laden, as fotos de seu corpo não foram expostas e seu corpo atirado ao mar (STERN E BERGER, 2014, p.49).

Alguns meses depois, um grupo de jihadistas conhecido como Conselho Shura Mujahideen anunciou a criação de um Estado Islâmico no Iraque (ISI) que tem como líder Abu Omar Al-Baghdadi que se comprometeu a transmitir os princípios de Al- Zawahiri para Al- Zarqawi:

Estabelecer uma autoridade islâmica ou emirado, depois desenvolvê-lo e apoiá-lo até alcançar o nível de um califado- sobre todo o território em que seja possível estender o seu poder no Iraque, ou seja, nas áreas árabes sunitas, para preencher o vazio surgido com a partida dos americanos, imediatamente após a sua saída e antes que forças não-islâmicas tentem preencher esse vazio (STERN E BERGER, 2014, p.50).

Com a morte de Al-Baghdadi, em abril de 2010, entrou em seu lugar Ibrahim Awwad Ibrahim Ali al-Badri al-Samarrai que agia sob o nome de Abu Bakr Al-Baghdadi, que se acredita que tenha entrado para a jihad em 2003 . Este era cofundador e líder da Comissão de sharia do Jamaat Jayish Ahl al-Sunnah wa-al-Jamaah que funcionava em Samarra. Diyala e Bagdá. Foi capturado em uma casa perto Fallujah para o centro de detenção de Camp Bucca famoso local onde muitos prisioneiros eram facilmente radicalizados e quando estes prisioneiros voltam à sociedade, tem mais facilidade para recrutar novos combatentes além de se mostrarem como símbolo da ingerência das potências ocidentais (STERN E BERGER, 2014, p.55-57).

Quando Al-Baghdadi deixou a prisão, juntou-se ao ISI que buscava alguém de que cumprisse seus requisitos e assim ele se tornou líder do grupo. Baghdadi sempre disfarçou sua identidade por questões de segurança e tinha um compromisso com a revitalização do estado islâmico baseado na compreensão estrita da lei islâmica. Em 2012, lançou a campanha “Derrubar os muros” onde libertou jihadistas das prisões iraquianas (STERN E BERGER, 2014, p.60-61).

Com o evento da Primavera Árabe, a Síria entrou em uma profunda guerra civil após 50 anos sob o regime ditatorial de Hafez Al- Assad e posteriormente do filho Bashar Al- Assad. Começou após quinze meninos terem sido detidos e torturados por terem feito um graffiti com conteúdo antigoverno na cidade de Daara, que mobilizou através das redes sociais protestos imensos e com violência. Posteriormente, em 2011, foi entregue a família um garoto de 13 anos sem os órgãos genitais, queimado e ferido por balas, que gerou novos protestos contra o qual o governo abriu fogo e decidiu desligar a internet com intensão de barrar a criação de novos protestos. Esse conflito deu abertura para a expansão do ISI, que se tornou Estado Islâmico no Iraque e na Síria (ISIS) (STERN E BERGER, 2014, p.61-63).

Para edificar as bases do grupo na Síria e criar um novo grupo jihadista que obtivesse controle total sobre a área, Al-Baghdadi enviou vários homens de confiança àquele território, entre eles Abu Mohammed al-Jawlani que se tornou líder do grupo Jabhat Al-Nusra que seguia o mesmo padrão de ataques do ISIS e da Al-Qaeda no Iraque com bombardeios de áreas urbanas contra apoiantes do governo.

Em 9 de abril de 2013 Baghdadi declarou uma fusão com a Al-Nusra sem conhecimento nem do líder da Al-Qaeda e nem do líder do grupo que posteriormente viria a declarar sua fidelidade à Al-Qaeda e não ao Estado Islâmico (STERN E BERGER, 2014, p.61-65).

Em junho de 2014, o Estado Islâmico conquistou a cidade de Mossul no Iraque contra qualquer expectativa dos países ocidentais. Isso tornou o grupo ainda mais rico uma vez que gera renda através de impostos, saques, venda de antiguidades, com resgate dos reféns ocidentais, mas principalmente com o contrabando de petróleo. Neste mês também foi proclamado o califado que agora se chamaria apenas Estado Islâmico retratando a busca pelo poder global e com Baghdadi como novo Califa Ibrahim. Os objetivos do Califado são conduzir um Estado sobre a interpretação severa da Sharia e com um bom sistema econômico (Stern e Berger, 2014, p.68-72).

O Estado Islâmico e suas bases ideológicas

O Salafismo é a ideologia que prega a volta dos costumes e práticas do islã tradicional e faz referência às primeiras famílias muçulmanas conhecidas como salaf. Os pregadores dessa ideologia seguem a ideia de que a interação humana e a interpretação dos livros sagrados levaram à deterioração do islã inicial e portanto, à decadência do mundo muçulmano como um todo (STERN E BERGER, 2014, p.302).

O wahabismo é um ramo do salafismo conservador que teve início com Muhammad Ibn Abd al-Wahhab que defendia uma rigorosa interpretação do islã sunita. Para tentar alcançar seu objetivo da volta do islã tradicional, al-Wahhab se uniu à Muhammad bin Saud e buscaram durante o século XIX e XX uma unificação dos povos árabes sob um mesmo governo e uma mesma religião. O Estado Islâmico possui ideias semelhantes e inspiradas nas ideologias salafita e wahhabista, não obstante é importante observar que as ações e ideias particulares de cada grupo devem ser analisadas para entender quais os reais objetivos e as missões que o grupo pretende alcançar (STERN E BERGER, 2014, p.304-309).

6. Considerações Finais

Uma vez que o objetivo desta pesquisa tinha como foco perceber além de questões psicológicas que permeiam o terrorismo, também questões sociais, as premissas apresentadas ao início do trabalho foram todas tidas como verdade.

Através das fontes utilizadas para a elaboração desse artigo, foi possível perceber que a ingerência norte americana sempre foi um importante gatilho do fundamentalismo, principalmente após a revolução Iraniana. Esta intervenção tem se mostrado até hoje um dos principais argumentos dos grupos recrutadores do jihad islâmico.

A globalização e a modernidade se configuraram temas importantes para o entendimento dos ocidentais que participam de grupos fundamentalistas uma vez que ambos os processos atenuaram ainda mais o individualismo e a liberdade, além de terem acontecido muito rapidamente fazendo com que os indivíduos se sintam desconectados da realidade.

Dentro do mundo islâmico, o destaque está nas três ondas fundamentalistas, uma série de acontecimentos de origem sectária e/ou imperialista que aos poucos desencadeou no terrorismo internacional iniciado com o ataque às torres gêmeas e posteriormente no surgimento do grupo Estado Islâmico que faz ataques extremamente violentos ao redor do mundo.

É importante perceber que a violência vista hoje com o Estado Islâmico, não é composta apenas de razões individuais ou do simples gosto pela brutalidade e agressão, o que se tem hoje é uma consequência de eventos que começaram desde a morte de Maomé com a separação entre sunitas e xiitas até a entrada dos Estados Unidos da América nos territórios do Oriente médio. Esses eventos criaram ódio e deram a possibilidade para que pessoas mais fanáticas criassem grupos radicais e expandissem suas ideias por todo o mundo, deixando de ser uma questão regional para uma questão global.

Entretanto, é indispensável dar ênfase ao fato de que o respeito e a segurança que podem ser conquistadas através do uso da violência, o poder que o emprego dela confere e a sensação de pertencimento a um grupo é o que faz com que pessoas entrem para gangues, para torcidas organizadas violentas, para grupos de tráfico e para outros grupos radicais como skinheads o que configura o extremismo como um fenômeno mundial e não exclusivamente muçulmano.

A ascensão de grupos de extrema direita de caráter anti- migração, racistas e xenófobos nos Estados Unidos, na Europa e até mesmo no Canadá, parecem mostrar que existe cada vez mais intolerância, esta que se mostrou muito claramente com a crise migratória síria.

Na esfera política, candidatos com tendências de extrema direita têm conseguido angariar quantidades significativas de votos prometendo protecionismos e lutas apenas pelos interesses nacionais e com as crises econômicas prejudicando vários países do mundo criando instabilidades sociais e econômicas, essas ideologias vêm conquistando também as camadas mais pobres das populações. Foi o caso do presidente Donald Trump, eleito recentemente nos EUA que demonstra apenas um reflexo do crescimento das ideologias radicais que promete expulsar Mexicanos e latinos em geral para dar os empregos apenas aos americanos, além dos muçulmanos que aparentemente constituem, sem exceções, uma ameaça ao povo americano.

O problema maior e mais amedrontador é que o uso desse tipo de violência está se configurando cada vez mais normal quando não deveria deixar ninguém indiferente. Europeus e americanos criam e renascem ideologias radicais com o objetivo de combater outra ideologia radical vinda do Oriente Médio, tentando combater armas com armas e tornando cada vez mais improvável uma paz duradoura em qualquer lugar do mundo.

Bibliografia

- ARMSTRONG, Karen. **Em Nome de Deus**: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- DEMANT, Peter. **O Mundo Muçulmano**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- ERELLE, Ana. **Na Pele de uma Jihadista**: A história real de uma jornalista recrutada pelo Estado Islâmico. 1 ed. São Paulo: Paralela, 2015.
- HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein. **O Livro das Religiões**. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MUBARAK, Caleb. **Introdução ao Islamismo**. [S.L.]: Junta de Missões Mundiais, 2014.
- MELMAN, Charles. **O homem sem Gravidade**: Gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.
- NAWAZ, Maajid. **Radical**: Uma jornada para fora do Extremismo Islâmico. 1 ed. São Paulo: Leya, 2016.
- STERN, Jessica; BERGER, J.M. **Estado Islâmico**: Estado de terror. [S.L.]: Vogais, 2015.